

ECOLOGIA SOCIAL
e outros ensaios

1

Robson Achiamé, editor
Rua Clemente Falcão, 80-A - Tijuca
20510-120 - Rio de Janeiro - RJ
Telefax: (0xx21) 2208-2979
letralivre@gbl.com.br
www.achiamé.com



Murray Bookchin

ECOLOGIA SOCIAL

e outros ensaios

Prefácio, Notas e Revisão da Tradução
Mauro José Cavalcanti



achiamé

Rio de Janeiro
2010

3





Tradução

Antônio Cândido Franco
J. P. Oliveira
Sérgio Garcia e Silva
Luís Garcia e Silva
Pablo Ortelado

Prefácio, Notas e Revisão da Tradução

Mauro José Cavalcanti

Capa

Gabriel Amorim



Bookchin, Murray

Ecologia social e outros ensaios / Murray Bookchin
(organização e revisão Mauro José Cavalcanti) - Rio de
Janeiro: Achiamé, 2010.

xxx p.

ISBN

1. Anarquismo. 2. Sociologia 3. Ecologia I. Bookchin,
Murray, 1921-2006. II. Título.



1.



SUMÁRIO

Bookchin e o “anarquismo verde”

Ecologia social

Por que ecologia social? /

Hecatombes de quarenta milhões de bisões /

Sem hierarquia e sem classes /

O que é a natureza /

Vínculos comunitários /

Para um novo municipalismo /

Postscriptum /

Municipalismo libertário /

Da tribo à cidade /

A cidade e a urbe /

Município e democracia direta /

O Estado contra a cidade /

As classes sociais em reformulação /

A comunidade e a fábrica /

Para um municipalismo libertário /

Comunalismo: a dimensão democrática do anarquismo /



Grupos de afinidade /

Autogestão e tecnologias alternativas /

Sociedade e ecologia /

A relação da sociedade com a natureza /

A ecologia social /

A filosofia da ecologia social /

O conceito de ecologia social /

Ecologia e pensamento revolucionário /

Anarquismo e ecologia /

Um manifesto ecológico /

O poder de destruir - o poder de criar /

Tecnologia e população /

Ecologia e sociedade /

Objetivos /

Nós os ecologistas, nós os anarquistas /

Uma visão de mundo mais coerente /

Nenhum presente da parte do Estado /

Ecologia profunda /

Um momento de transição /



MURRAY BOOKCHIN E O “ANARQUISMO VERDE”

*Mauro José Cavalcanti**

Murray Bookchin nasceu a 14 de janeiro de 1921 em Crotona Park, no bairro do Bronx, cidade de Nova Iorque, filho dos imigrantes russos Nathan Bookchin e Rose (Kaluskaya) Bookchin. Desde cedo, seus pais o desestimularam a aprender a língua, porque “queriam evitar que eu falasse com sotaque estrangeiro”¹, como declarou em sua autobiografia (provavelmente temerosos de que fosse identificado como russo e, logo, pró-soviético – já que na época seus pais militavam na organização sindical Industrial Workers of the World, de tendência socialista).

Em 1930, aderiu aos Young Pioneers, uma organização da juventude comunista, de orientação stalinista, e, depois, à Young Communist League, mas no final da década foi expulso por causa de sua ligação com os trotskistas, com os quais simpatizava. Em

* Mauro José Cavalcanti é bacharel em Biologia (Ecologia), mestre em Ciência da Informação e doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Organizador da coletânea de ensaios sobre ecologia social *Liberdade Verde*, a ser publicada pela Editora Achiamé.

1. “Autobiografia”. In: *Municipalismo Libertário*. (São Paulo: Editora Imaginário, 1999).

meados da década de 1940, desiludido com o autoritarismo e o estatismo, rompeu totalmente com o marxismo-leninismo e aproximou-se do socialismo libertário, tornando-se anarquista em meados dos anos de 1950 e ajudando a fundar a Libertarian League em Nova York. Em suas próprias palavras: “Penso que foi a Revolução Húngara de 1956 e o debate que me levaram a afirmar-me como anarquista”².

Trabalhou desde cedo, primeiro como jornalista, em seguida como estivador de ferrovia e depois como operário nas usinas siderúrgicas de New Jersey, onde engajou-se na atividade sindical. Em 1948, trabalhando como metalúrgico na indústria automobilística, militou no sindicato United Auto Workers e participou da greve da General Motors, que durou vários meses. Em 1950, estudou engenharia eletrônica no RCA Institute³.

Nos anos de 1960, participou dos movimentos pelos direitos civis e contra a intervenção norte-americana no Vietnã, bem como das lutas de maio de 1968 em Paris. Nessa época, também lecionou na Alternative University em Nova Iorque (uma universidade aberta, ligada ao movimento da contracultura) e na City University of New York em Staten Island. Nessa época, ficou conhecido por fazer críticas devastadoras ao marxismo usando linguagem marxista convencional, como melhor exemplificado por seu famoso ensaio de 1969, “Listen, Marxist!”, no qual tentou (em vão) alertar a organização estudantil Students for a Democratic Society contra sua tomada por uma facção maoísta.

O interesse de Bookchin pela questão ambiental teve início ainda nos anos de 1950, quando publicou (sob pseudônimos) seus primeiros trabalhos sobre o assunto. Em 1962, usando o pseudônimo de Lewis Herber, publicou seu primeiro livro dedicado à questão ecológica, *Our Synthetic Environment*, tratando do problema da contaminação dos alimentos por agrotóxicos e a poluição radioativa. Este livro veio a público seis meses antes do famoso *Silent Spring*, de Rachel Carson, que também

2. *Ibidem*.

3. Small, M. “Murray Bookchin: US Political Thinker Whose Ideas Shaped the Anti-Globalisation Movement”. *The Guardian*, 8 de agosto de 2006. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/news/2006/aug/08/guardianobituaries.usa>

abordava o problema dos pesticidas e exerceu forte influência sobre o então nascente movimento ecológico nos Estados Unidos e posteriormente no mundo. O livro de Bookchin, contudo, recebeu pouca atenção por seu “radicalismo político”.

Ainda nos anos de 1960, Bookchin publicou dois importantes ensaios (incluídos, em parte, na presente coletânea). O primeiro deles, “Ecology and Revolutionary Thought” (1964), introduziu a conexão entre anarquismo e ecologia, lançando as bases do que veio mais tarde a denominar-se *Ecologia Social*; o segundo, “Toward a Liberatory Technology” (1965), apresentou as tecnologias apropriadas, fontes renováveis de energia e a informática como o suporte tecnológico para uma sociedade libertária – um tema que, de fato, ainda não recebeu a merecida atenção até os dias de hoje (convém notar que Bookchin escreveu sobre o assunto quase 20 anos antes do surgimento dos computadores pessoais e do movimento de *software* livre). Esses e outros ensaios foram reunidos em seu livro clássico, *Post-Scarcity Anarchism*, publicado pela primeira vez em 1971 e reimpresso em 1977 e 2004.

Em 1974, foi co-fundador (em colaboração com Dan Chodorkoff) e diretor do Institute for Social Ecology, no Goddard College, em Plainfield, no estado de Vermont, onde lecionou até 2004. No mesmo ano, começou a lecionar no Ramapo State College, em Mahwah, no estado de New Jersey, onde, posteriormente, Bookchin – que era um autodidata, formalmente escolarizado apenas até o nível do ensino médio – veio a tornar-se, em 1977, professor titular de teoria social, posição que manteve até aposentar-se como professor emérito em 1983.

Em 1976, participou do movimento antinuclear com a Clamshell Alliance, uma organização ativista que lutou (com sucesso) contra a construção do reator nuclear de Seabrook, no estado de New Hampshire; esta organização aplicou diretamente o conceito de “grupos de afinidade” popularizado por Bookchin em seu livro de 1971 (reproduzido na presente coletânea), porém foi criticada por Bookchin (em um ensaio também incluído aqui) por seus métodos autoritários de “imposição do consenso”.

Durante os anos de 1970, escreveu vários trabalhos criticando os desenvolvimentos contemporâneos no movimento ecológico, em particular a “ecologia política” que surgiu do outro lado do Atlântico – especificamente na França, com André Gorz, René Dumont e Jean-Pierre Dupuy, e na Alemanha, com Hans-Magnus Enzensberger – e que Bookchin considerou estatista e/ou reformista, apresentando a ecologia social como sua alternativa radical e libertária. Esses trabalhos foram reunidos na coletânea *Toward an Ecological Society*, publicada em 1981.

Em 1973, seu apartamento no bairro de Greenwich Village, na cidade de Nova Iorque, foi ilegalmente invadido por dois agentes do FBI, em busca de militantes do movimento Weather Underground or “Weatherman”, uma organização marxista-leninista de guerrilha urbana que Bookchin, de fato, detestava. Em 1980, os dois agentes foram condenados por um juiz federal “pela violação dos direitos constitucionais do Sr. Bookchin” (um desses agentes era W. Mark Felt, o segundo em comando no FBI na ocasião da invasão e que, em 2005, revelou-se como o informante “Garganta Profunda”, fonte das informações do repórter Bob Woodward, do *The Washington Post*, que trouxe a público o famoso “escândalo Watergate” que provocou a queda do presidente Richard Nixon em 1974)⁴.

Em meados da década de 1980, Bookchin inspirou ativamente o movimento político “Verde”, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, principalmente na Alemanha (onde suas palestras influenciaram os fundadores do Partido Verde alemão). Nos Estados Unidos, co-fundou, em 1988, o Left Green Network, uma confederação de coletivos anarquistas “Verdes” (Northern Vermont Greens, Vermont Council for Democracy e Burlington Greens) dedicados não só à questão ambiental, mas também à descentralização da sociedade. Nesse período, também criticou duramente o determinismo biológico da “sociobiologia”, uma versão modernizada do darwinismo social do século XIX,

4. Martin, D. “Murray Bookchin, 85, Writer, Activist and Ecology Theorist, Dies”, *The New York Times*, 7 de agosto de 2006. Disponível em <http://www.nytimes.com/2006/08/07/us/07bookchin.html>.

divulgada principalmente pelos biólogos Edward Wilson, de Harvard, e Richard Dawkins, de Oxford.

Em 1982, publicou sua obra magistral, *The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchies*, onde apresentou com clareza a proposição de que a dominação/exploração da natureza está diretamente relacionada à dominação/exploração do homem pelo homem, em sociedades hierarquizadas que evoluíram de gerontocracias patriarcais, em oposição às sociedades orgânicas onde havia uma natural divisão do trabalho, uma utilização racional dos recursos e uma repartição igualitária dos mesmos. A este livro seguiu-se sua segunda obra mais importante, *The Rise of Urbanization and the Decline of Citizenship*, publicada pela primeira vez em 1987 (republicada em 1992 como *Urbanization Without Cities* e em 1995 como *From Urbanization to Cities*), onde Bookchin aprofundou as discussões sobre o meio ambiente urbano iniciadas em seus livros anteriores sobre o tema (*Crisis in Our Cities*, de 1965, e *The Limits of the City*, de 1974) e introduziu o conceito de municipalismo libertário (que juntamente com a ecologia social, constitui uma das grandes contribuições intelectuais de Bookchin).

A partir da década de 1990, Bookchin retirou-se da militância política, dedicando-se exclusivamente a escrever. Criticou duramente as filosofias biocêntricas e misantrópicas da “ecologia profunda” e do anarco-primitivismo (representadas por E.F. Schumacher, Frijof Capra, Theodore Roszak, Jacques Ellul, John Zerzan e Kirpatrick Sale, entre outros), por não compreenderem o fato dos problemas ecológicos terem raízes nas enormes desigualdades, hierarquias e relações de dominação que estruturam as sociedades humanas. Bookchin defendia a ecologia social como uma via racional e revolucionária que, com a participação e envolvimento dos cidadãos, pudesse superar e resolver os problemas ambientais. Também não poupou críticas ao misticismo irracional e reacionário da filosofia da “Nova Era” (que, de fato, só contribuiu para ridicularizar e desacreditar o movimento ecológico) e às igualmente reacionárias (e francamente patéticas) propostas de “ecologização” do

capitalismo, disfarçadas sob o conceito de “desenvolvimento sustentável”. Como assinalou em seu livro de 1990, *Remaking Society*: “o capitalismo pode ser ‘persuadido’ a limitar o crescimento, tanto quanto um homem pode ser ‘persuadido’ a parar de respirar”. Suas críticas ao anti-humanismo, o primitivismo e à aberração filosófica denominada “pós-modernismo” foram sintetizadas em um livro de 1995, *Re-enchanting Humanity: A Defense of the Human Spirit Against Anti-humanism, Misanthropy, Mysticism, and Primitivism*.

Paralelamente, Bookchin desencadeou uma crítica radical contra o anarco-individualismo (originado no século XIX com Max Stirner e representado contemporaneamente pelo escritor norte-americano Peter Lamborn Wilson, sob o pseudônimo de Hakim Bey). Esse “anarquismo de estilo de vida” (tal como a “ecologia profunda”) contribuiu apenas para ajudar a disseminar uma imagem negativa do anarquismo, associando-o à idéia de anarquia como “caos”, ao individualismo narcista, à violência niilista do movimento *punk* e à alienação anti-social da cultura *cyberpunk*; suas críticas foram apresentadas em uma obra também publicada em 1995, *Social Anarchism or Lifestyle Anarchism: An Unbridgeable Chasm*. Pouco antes, Bookchin já havia criticado o anarco-sindicalismo, em seu ensaio “The Ghost of Anarchosyndicalism”, datado de 1992. Alguns de seus biógrafos dizem que, neste momento, Bookchin teria rompido com o anarquismo⁵. Entretanto, suas idéias apresentaram-se, de fato, cada vez mais como uma flexibilização das idéias anárquicas, como seu conceito de comunalismo libertário, inspirado pelo célebre anarquista russo Piotr Kropotkin.

Por outro lado, ao lado da crítica política, Bookchin desenvolveu também idéias filosóficas em um sistema que denominou “naturalismo dialético”, fortemente influenciado pela filosofia dialética de Hegel e suas noções de crescimento e mudança (embora o próprio Bookchin não se considerasse hegeliano). Essas idéias foram desenvolvidas em seu livro de

5. Biehl, J. “Bookchin Breaks with Anarchism”, *Communalism*, n° 12, outubro de 2007. Disponível em <http://www.communalism.net/Archive/12/bba.php>.

1990 (reimpresso em 1994), *The Philosophy of Social Ecology: Essays on Dialectical Naturalism*.

Em seus últimos anos, dedicou-se a escrever a história dos movimentos revolucionários entre os séculos XVIII e XX, em uma volumosa obra em quatro volumes, *The Third Revolution: Popular Movements in the Revolutionary Era*, publicada entre 1996 e 2005. A parte final dessa obra, tratando da participação do movimento anarquista na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), deu continuidade a seus dois livros anteriores sobre o tema: *The Spanish Anarchists: The Heroic Years* (1977) e *To Remember Spain: The Anarchist and Syndicalist Revolution of 1936* (1994). Bookchin era fascinado pelas lutas anarquistas durante a Revolução Espanhola que, segundo ele, “havia sido simultaneamente apogeu e fim, em 100 anos de história revolucionária da classe operária”.

Cercado pelo afeto da família e dos companheiros, Bookchin morreu de parada cardíaca, a 30 de julho de 2006, aos 85 anos, em sua residência na cidade de Burlington, Vermont (uma doença coronariana havia sido diagnosticada alguns meses antes). Como escreveu sua jovem companheira (32 anos mais jovem do que Bookchin) e colaboradora durante 20 anos, Janet Biehl: “Ele morreu como sempre viveu, como um socialista, com integridade”⁶. Deixou um irmão, Robert, e dois filhos, Joseph Bookchin e Debbie Bookchin (casada com James Schumacher), que deu-lhe uma neta, Katya Bookchin Schumacher.

Ao longo de 40 anos, Bookchin publicou 27 livros e mais de uma centena de ensaios e artigos, nos periódicos *Anarchos*, *Communalism*, *Contemporary Issues*, *Green Perspectives*, *Harbinger*, *Our Generation* e outros, muitos deles traduzidos em várias línguas. Uma bibliografia completa da obra de Bookchin pode ser encontrada na Internet⁷.

A grande contribuição intelectual de Bookchin foi o desenvolvimento da Ecologia Social, a qual sustenta a idéia básica de

6. Biehl, J. “A Short Biography of Murray Bookchin”, *Anarchy Archives*. Disponível em http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/bio1.html.

7. Biehl, J. “A Bibliography of Published Works by Murray Bookchin in Chronological Order, Including Translations”, *Anarchy Archives*, 27 de novembro de 2006. Disponível em http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/biehlbiblio.html.

que os problemas ecológicos estão profundamente relacionados aos problemas sociais, particularmente no domínio dos sistemas políticos e sociais hierarquizados. A ecologia social sugere também que não é possível fazer frente a tais problemas, de forma realmente efetiva, apenas através de ações individuais como o “consumismo ético”, mas sim através de atividades coletivas fundamentadas em ideais democráticos e libertários radicais. A complexidade das relações entre os seres humanos e a natureza é enfatizada pela ecologia social, juntamente com a importância de se estabelecer estruturas sociais que possam levar em conta tais relações. Se a natureza é fonte de liberdade, participação, solidariedade e apoio mútuo, então as estruturas sociais que organizam as sociedades humanas também assim poderiam ser.

A outra grande contribuição de Bookchin foi o Municipalismo Libertário, um sistema de organização social e política baseado na democracia direta, na livre associação de assembleias de cidadãos, como a “forma da liberdade” para institucionalizar o poder popular e fazer frente ao Estado – e, eventualmente, substituí-lo de todo – com uma confederação de municípios independentes^{8,9}. Essa proposta foi posteriormente expandida por Bookchin em seu conceito de comunismo libertário^{10,11}.

Como não poderia deixar de acontecer, Bookchin foi vilipendiado pelos críticos, inclusive alguns oriundos do próprio movimento libertário internacional. Conquanto algumas dessas críticas póstumas fossem fundamentadas (como a utilidade da apresentação de candidatos às eleições municipais através de um “partido político” libertário) e algumas realmente esperadas (como os comentários burocráticos – e falaciosos – do

8. Bookchin, M. “The Meaning of Confederation”, *Green Perspectives*, no. 20, novembro de 1989. Disponível em http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/gp/perspectives20.html.
9. Bookchin, M. “Libertarian Municipalism: An Overview”, *Green Perspectives*, no. 24, outubro de 1991. Disponível em http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/gp/perspectives24.html.
10. Bookchin, M. “What Is Communalism? The Democratic Dimension of Anarchism”, *Green Perspectives*, no. 31, setembro de 1994. Disponível em http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/CMMNL2.MCW.html.
11. Bookchin, M. “The Communalist Project”, *Communalism*, nº 2, novembro de 2002. Disponível em <http://communalism.org/Archive/02/tcp.html>.

representante contemporâneo do marxismo Joel Kovel¹²), outras foram surpreendentemente injustas (como as declarações arrogantes de seu ex-colaborador John Clark¹³ e as afirmações pessimistas de seu ex-aluno Chuck Morse¹⁴). Na prática, a principal crítica a Bookchin poderia ser, do nosso ponto de vista, a pouca atenção que dedicou aos problemas da ecologia social nos países do Terceiro Mundo. Assim, por exemplo, a despeito do seu fascínio pelas comunas anarquistas da revolução libertária espanhola, Bookchin ignorou o movimento zapatista de Chiapas, no México, com forte tendência anarquista (e que foi seguido pelo abertamente libertário movimento da comuna de Oaxaca, também no México). Todavia, Bookchin apoiou a luta dos independentes índios misquito da Nicarágua contra o autoritarismo marxista-leninista do movimento sandinista¹⁵ (e cabe destacar que em agosto de 2009, os misquito proclamaram unilateralmente sua independência do governo autoritário de Daniel Ortega).

Não obstante, Bookchin deixou um dos mais importantes legados ao pensamento libertário em todos os tempos e seus princípios básicos para organizar uma sociedade naturalmente ecológica e democrática – unidade na diversidade, espaços para a espontaneidade e ausência de hierarquias – permanecem válidos^{16,17}. Hoje, sua obra é mais atual do que nunca, em um momento em que – refeitas do choque provocado pela globalização neoliberal e, ao mesmo tempo, enfrentando a exclusão social

12. Kovel, J. “Negating Bookchin”. Disponível em <http://www.neravt.com/left/bookchin.htm>.

13. Clark, J. “Municipal Dreams”, *Anarchy Archives*. Disponível em http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/municipaldreams.html.

14. Morse, C. “Being a Bookchinite”, *Negations*. Disponível em <http://www.negations.net/being-a-bookchinite>.

15. Bookchin, M. *To Remember Spain* (San Francisco: AK Press, 1994).

16. Tokar, B. “Murray Bookchin Tribute”, Institute for Social Ecology, agosto de 2006. Disponível em <http://www.social-ecology.org/2006/08/murray-bookchin-tribute>.

17. Tokar, B. “On Bookchin’s Social Ecology and its Contributions to Social Movements”, Institute for Social Ecology, março de 2008. Disponível em <http://www.social-ecology.org/2008/03/on-bookchins-social-ecology-and-its-contributions-to-social-movements>.

e a degradação ambiental causadas por um sistema capitalista cada vez mais globalizado e rapinante – em todo o mundo as forças populares e democráticas retomam a discussão e colocam em prática conceitos como agricultura orgânica e “permacultura”, tecnologias apropriadas (agora denominadas “tecnologias sociais”), energias renováveis, participação comunitária e economia solidária, que foram originalmente apresentadas e discutidas por Bookchin há mais de 40 anos.

Bookchin é praticamente desconhecido no Brasil. Sempre afeiçoada a modismos (dos quais “os estudos anarquistas” constituem, aliás, um exemplo recente), a comunidade acadêmica brasileira ignorou-o quase por completo, preferindo oscilar entre o marxismo apostólico do “ecossocialismo” (representado pelos acadêmicos marxistas Michael Löwy e Joel Kovel) e o irracionalismo reacionário da “ecologia profunda” (sob a influência de Fritjof Capra, um teórico das elites que cumpre bem o seu papel). Nenhuma de suas obras mais importantes foi publicada aqui (ou sequer em português) e apenas dois livretos de sua autoria apareceram em edição brasileira: *Municipalismo Libertário*, publicado em 1999 pela Editora Imaginário, de São Paulo (sob os auspícios do Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP) e *Sociobiologia ou Ecologia Social?*, publicado em Portugal em 1989 pela Editora Sementeira, de Lisboa e no Brasil pela Editora Achiamé, do Rio de Janeiro. Em língua portuguesa, seu ensaio clássico de 1965 foi publicado em 1976 como um livreto com o título de *Para uma Tecnologia Libertadora: Retomar o Poder às Máquinas*, publicado pela Via Editora, de Lisboa e uma coletânea de seus trabalhos foi reunida na obra *Murray Bookchin – Textos Dispersos*, publicada em 1998 pela Edição Socius (ligada ao Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações), de Lisboa. Uma interessante dissertação de mestrado, analisando as possíveis contribuições da ecologia social de Bookchin para a “educação ambiental”, foi apresentada em 2007 por André Lemes da Silva ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade do Rio Grande, sob o título

de *Da Ecologia Social à Educação Ambiental: As Contribuições do Pensamento Libertário de Murray Bookchin*.

Com a publicação desta abrangente coletânea dos textos de Murray Bookchin sobre ecologia social, o editor Robson Achiamé presta mais um relevante serviço à cultura libertária, ao contribuir para divulgar entre nós a obra deste pensador singular – uma obra excepcionalmente oportuna neste momento da história humana em que os próprios problemas apresentados e discutidos por Bookchin nos ameaçam, senão com a extinção, certamente com a barbárie.